

TRACY BLOOM

**NINGUÉM
TRANSA
às terças-feiras**

Tradução

Marsely de Marco Martins Dantas



BERTRAND BRASIL

Rio de Janeiro | 2015

Capítulo 1

Existem aquelas que podem escolher um pai para o seu filho e aquelas que não podem. Aquelas que passam anos escolhendo no gigante palheiro que é a população masculina e aquelas que inesperadamente caem numa cilada.

Katy nunca pensou que um dia cairia numa cilada. Certamente, nunca imaginou que, com 36 anos de idade, estaria grávida, solteira e com um namorado oito anos mais novo que ela. Um namorado que agora estava ao seu lado no carro, vestindo um uniforme de futebol enquanto se preparavam para a primeira aula no curso de pré-natal. Sentiu-se enjoada. Associou isso à ansiedade do curso e ao fato de que Ben tinha vindo direto da escola em que trabalhava como professor de educação física, exalando aquele cheiro desagradável de tênis de ginástica, suor de adolescentes e purê de batatas. Enquanto o perscrutava com o olhar, tentou se convencer de que, pelo menos, podia contar com algumas de suas preciosas palavras de sabedoria para acalmar seus medos.

— Então, um cara no trabalho me disse que tudo que se faz nessas aulas de pré-natal é falar sobre peito e xana por duas horas. Isso não é ótimo?

Katy encarou Ben, suspirou e ligou o carro.

— Por favor, não diga isso — disse aborrecida, dando a partida.

— Dizer o quê? — perguntou Ben, enquanto brincava com todos os botões possíveis no painel do carro.

— Xana — falou Katy, batendo na mão dele.

— Não é tão ruim assim. Há muitos nomes piores. Eu poderia dizer, por exemplo...

— Não diga mais nada — interrompeu Katy. — Você sabe que minha avó não ficaria feliz, só isso.

— Por quê? Ela vem com a gente? — perguntou Ben, abrindo o portaluvas para espiar o que havia lá dentro.

— O nome dela era Xana, eu já falei isso antes — disse Katy, começando a perder a paciência.

Ben se virou e a encarou, totalmente admirado.

— Você nunca me disse isso. Esse é exatamente o tipo de informação que faz minha vida valer a pena, então não é algo que eu esqueceria.

— É mesmo? — Katy hesitou, sem saber se realmente queria continuar aquela conversa, até que percebeu que o que ela estava prestes a dizer seria provavelmente o ponto alto do dia de Ben. — Então eu nunca lhe falei o sobrenome dela também?

Ben parou por um instante, submerso em seus pensamentos, até que exclamou com entusiasmo:

— Vagina! Só pode ser Vagina — sugeriu, saltitante. — Por favor, diga que era Vagina e eu vou morrer feliz.

— Pinto — respondeu Katy, mais do que triunfante.

Ben olhou para ela de novo de queixo caído e em estado de choque.

— Você está de brincadeira comigo — disse finalmente. — Os pais dela a batizaram de Xana Pinto? Estavam loucos?

— Não, seu bobo. Pinto era o nome de casada. Ela não nasceu Pinto.

— A Xana se casou com o sr. Pinto?

— Sim.

Ben ficou quieto por algum tempo antes de declarar solenemente:

— Sua avó era um gênio da comédia.

Ficaram em silêncio pelo resto da viagem, pois Ben estava muito ocupado enviando mensagens de texto ou ligando para os amigos para compartilhar a história do nome mais engraçado de todos os tempos. Ele ainda estava ao telefone quando ela começou a reunir esforços para sair do carro. Virou o barrigão para o lado, na esperança de que o restante do corpo o seguisse. O clássico vestido transpassado preto, o par de sandálias anabela e a adorada bolsa de grife foram selecionados a dedo para tentar garantir a aparência de uma mulher totalmente no controle da gravidez. Ela suspeitava, no entanto, que Ben, seu acessório principal, destruiria completamente o disfarce. No último minuto, apanhou o caderno de couro que usava na agência de publicidade em que trabalhava, esperando que pelo menos ele lhe desse um ar de pessoa organizada.

Olhou para o monótono edifício de tijolos do hospital e se perguntou como tais construções tediosas poderiam abrigar tanta emoção e drama. Imaginou cirurgiões bonitos correndo com as mãos ensanguentadas, familiares chorando nos cantos após terem ouvido uma notícia devastadora e outros dançando nos corredores por terem sido curados de doenças muito graves. Ou talvez ela estivesse assistindo demais às reprises de *Plantão Médico*.

Estar ali, porém, na sombra daquele hospital de verdade, trouxe à tona de repente seu próprio drama. Teve a sensação demasiadamente familiar de aperto no coração que aparecia quando sua mente não conseguia bloquear as circunstâncias que cercavam sua gravidez. Basta continuar dando um passo de cada vez, era o que dizia a si mesma em momentos como aquele. Sorriso, charme, brilho e todas as outras coisas que as mulheres grávidas têm que fazer, e tudo vai ficar bem. O bebê vai chegar e tudo vai voltar ao normal. Ela vai adorar. Ben vai adorar. Ambos perceberão quanto é gratificante ser pais e viverão felizes para sempre.

Ela olhou por cima do ombro para ver se Ben vinha logo atrás e pela primeira vez prestou atenção nos joelhos dele, decorados com lama do campo da escola.

— Esses joelhos! — exclamou, apontando-os com desgosto.

— Não vou pedir você em casamento agora — respondeu Ben, simulando estar bravo.

Ela balançou a cabeça negativamente, desistindo. Respirou fundo e partiu em direção à entrada do hospital. Pensou que sua vida tinha ido razoavelmente bem até ali. Os objetivos principais foram conquistados. Universidade, carreira, casa própria. No quesito casamento, não fizera muito progresso, ela admitia, mas havia seguido exatamente o caminho que queria. Preferia estar no controle quando se tratava de homens. Uma experiência verdadeiramente traumática com seu primeiro amor colocara em suspenso seu coração, que nunca mais recuperara sua plena capacidade emocional. O menor sinal de romance alertava-a para a inevitável aproximação do sofrimento, e ela logo fazia o corte abrupto, providenciando a separação. Ficava cada vez mais convencida de sua abordagem sempre que via as amigas sofrerem repetidas humilhações e levarem contundentes pés na bunda.

Ela perdera a conta de quantas vezes suas amigas declararam ter encontrado *o cara*. Era muito triste saber que, cerca de duas semanas mais tarde, uma delas estaria em sua porta soluçando algum conto trágico, porém previsível, sobre *o cara*, claramente pensando que não era *a escolhida*, por ele ter sido pego com *a outra*. Katy pacientemente encheria as taças de vinho enquanto a amiga despejaria suas mágoas, até que inevitavelmente a noite terminasse com duas bêbadas dançando em volta da mesa e cantando músicas melosas de alguma boy band. Chegaria então o momento de declarar que Katy era a melhor amiga do mundo. Finalmente, nas primeiras horas do dia, alguém acabaria vomitando na varanda.

Ficava impressionada com o fato de as amigas não conseguirem aprender que, se você entregar o seu coração a alguém, ele será descartado com a maior facilidade e sem o menor cuidado tão logo apareça um novo rabo de saia. No entanto, aquelas noites consolando amigas desamparadas haviam ficado no passado. Uma a uma, elas finalmente encontraram um homem que parecia querer uma relação que durasse mais do que cinco minutos, e todas tiveram o casamento de seus sonhos.

Sofreu, em sua opinião, dois anos de tortura mental, quando os convites cor de creme criaram, de forma assustadoramente rápida, uma pilha na prateleira da sala de estar. Seu coração se apertava cada vez que encontrava mais um envelope cuidadosamente selecionado, sem dúvida escolhido para combinar com o elástico da calcinha da noiva, deixando à mostra o convite feito à mão. Ela fechava os olhos em desespero quando lia as palavras *Srta. Katy Chapman e acompanhante*. Por que diabos parecia haver uma lei obrigando a pessoa a ir a casamentos acompanhada? Por que diabos ela não podia simplesmente ir por conta própria? Haveria algum medo terrível de que pessoas solteiras em casamentos fossem obrigadas a fugir com a noiva ou o noivo se tal chance houvesse? Seria este um dos votos de casamento: “Deverás sempre unir teus amigos para prevenir qualquer possibilidade de afastamento”? Aquilo a fez tomar pavor dos ditos eventos felizes, pois era forçada a procurar um cara qualquer, com quem talvez já tivesse dado uns amassos em algum momento de embriaguez e que, em troca de comida e álcool, pudesse suportar o fluxo constante de parentes bem-intencionados dizendo: “E aí, você será o próximo?”

Por fim, ela decidiu que já tinha sofrido o bastante e que era hora de tomar uma atitude por todas as mulheres fortes e independentes. Não ia mais cooperar com o estereótipo de que a felicidade de uma mulher está condicionada a um homem disposto a prendê-la com um pedaço de metal em torno do dedo. Arquetou o plano genial de levar Daniel, um amigo do trabalho, na próxima vez que fosse convidada para um casamento. Ver a cara da tia-avó de Laura, que educadamente foi conversar com ele durante o café da manhã do casamento, foi uma alegria para os olhos. Daniel gentilmente disse-lhe que sim, que ele poderia ser o próximo, já que ele estava namorando Rob há mais de seis meses e nenhum dos dois estava fazendo sexo com mais ninguém, a não ser que considerasse aquela noite em que ele havia dormido com Stanley, seu ex. No entanto, ele não achava que aquilo contasse, porque estava muito bêbado, numa festa a fantasia, e Stanley vestia um uniforme de oficial da marinha. Afinal, quem poderia resistir a um homem de farda?

A partir daquele momento, Daniel tornou-se o melhor parceiro de festas de casamento.

Katy deu um pulo quando Ben segurou a sua mão e ela atravessou as portas do hospital.

— O que você acha, então? — perguntou Ben, cuspidando na outra mão e se inclinando para tentar limpar a lama do joelho enquanto caminhava ao lado dela.

— Desculpe, eu estava viajando. O que você disse? — perguntou Katy.

— Eu perguntei como você acha que serão as outras pessoas da classe.

— Ah, todos eles terão lido todos os livros, saberão exatamente o que estão fazendo e farão perguntas muito pertinentes — respondeu Katy, sentindo uma nova onda de pânico. Katy estava dolorosamente ciente de que até o momento tinha arquivado a gravidez na pasta “lidar com isso mais tarde”, e estava bastante claro que o “mais tarde” havia chegado de vez.

— Mmmm — disse Ben, absorvendo a resposta de Katy. — Então você acha que nós seremos os alunos problemáticos do fundo da sala e não os nerds da primeira fila, ansiosos por cada palavra da professora?

— Provavelmente — suspirou Katy.

Ben olhou para ela.

— A fila de trás sempre se diverte mais — comentou ele, cutucando-a no ombro e lançando-lhe um sorriso reconfortante.

Ela se virou, encontrou seus olhos ainda sorridentes e não conseguiu deixar de sorrir de volta.

— Você está certo — respondeu, sentindo-se melhor com o mundo. Ben sabia exatamente como impedi-la de levar a vida muito a sério. Foi isso que a atraiu quando se conheceram numa das piores noites de sua vida.

Capítulo 2

É claro que Katy sabia que aquela noite no verão passado seria um desastre no instante em que se olhou no espelho do banheiro sujo do The Pink Coconut. Rodeada por corpos em idade para casar e rostos jovens do clube dos menores de 25 anos, percebeu como estava ridícula vestindo um traje de colegial.

“Como cheguei a este ponto?”, pensou com raiva enquanto olhava as sardas falsas no rosto e as marias-chiquinhas de gosto duvidoso amarradas com fita fúcsia. Ela já tinha aceitado que teria de baixar o nível se quisesse uma vida social após o casamento de suas amigas, mas precisar se rebaixar àquele ponto era totalmente injusto. No início, ficava horrorizada quando, uma por uma, todas pronunciavam as palavras mais deprimentes que podem sair da boca de uma mulher ao ser convidada para uma noitada entre amigas.

— Tenho que perguntar ao David.

Ou pior ainda...

— Se o Steve não se importar.

Ou então a pior de todas...

— Só se o Edward também for.

Ela queria sacudir uma por uma com aqueles rostos pateticamente contritos. Porém, para não testemunhar a descida ao inferno doméstico de suas amigas, deixou-as em paz, encontrando-se com elas apenas em ocasiões especiais, quando tinham as conversas mais constrangedoras e tornavam-se cada vez mais distantes.

Um pouco deprimida com aquela mudança na vida social, o que lhe deu certo tempo extra, mergulhou na carreira e foi atrás de alguns caras, sem se comprometer. Finalmente, e com muito esforço, obrigou-se a apreciar a companhia de algumas “coelhinhas” de academia com quem trombou por acaso durante um evento social na Fitness Forever.

Ficou surpresa ao descobrir que conseguia tolerar os corpos perfeitos e jovens, artificialmente bronzeados, as maquiagens com o frescor de uma flor, mesmo após uma hora e meia de atividade física intensa, e até mesmo as

incessantes risadinhas cada vez que um dos treinadores sarados aparecia a dez metros de distância.

Desconfiava que só a haviam aceitado porque descobriram que ela era diretora de contas em uma agência de publicidade. Ou seja, presumiam que um belo dia pudessem talvez ser convidadas a participar de um teste para um comercial de xampu. Mesmo assim, depois de algumas doses de bebida alcoólica, conseguia considerá-las razoavelmente divertidas e, sem dúvida, um nível acima da degradação completa de passar a noite de sábado em casa.

E assim ela foi levando, até que as coisas foram longe demais. As patricinhas quase encharcaram as calcinhas de emoção quando a boate que sempre frequentavam decidiu fazer uma noite temática “discoteca na escola”. Katy ficou horrorizada, mas, mesmo relutante, concordou em ir, pois não seria impossível encontrar alguém interessante naquele lugar, ainda que ele se parecesse com o Quico ou o Chaves.

Na noite em questão, as “coelhinhos” chegaram ao apartamento de Katy à beira do rio, pertinho do centro de Leeds, anunciadas por nuvens de perfume de marca, uma cacofonia de riso feminino alto e dolorosamente agudo, e uma algazarra descompassada de saltos agulha de quinze centímetros. Katy fez uma careta quando entraram, sabendo muito bem que deveria ter cancelado o compromisso com uma desculpa qualquer, como a morte do gato do vizinho.

Em segundos o apartamento dela se encheu de suspensórios, meias, maquiagem, apliques, cílios postiços, alisadores, bobes, sutiãs de bojo, sutiãs com decote profundo, sutiãs com decote superprofundo, enfim, de todos os tipos, e todos espalhados pelos cômodos. Olhou para a linda mesa de centro dos anos 1920, que comprara durante um fim de semana que esteve em Brighton com um cara chamado Jonny ou algo parecido, e se perguntou se um dia aquele móvel se recuperaria da montaria de uma das garotas que lhe deu seis grandes chicotadas.

Após a obrigatória foto do grupo, que Katy insistiu em tirar para garantir que não houvesse registro de sua participação naquela sinistra farsa, partiram com ela escondida atrás, rezando para que nenhum dos vizinhos escolhesse aquele momento para sair de casa.

Obviamente, as “coelhinhos” enlouqueceram com a atenção recebida nos bares que visitaram, e pareciam não notar a qualidade particularmente baixa dos interessados. A não ser que adolescentes arrogantes cheios de acne, ou

homens de meia-idade fingindo ainda ser adolescentes arrogantes, fossem o seu estilo.

Por volta das onze horas estavam na balada, no meio da densa massa de corpos na pista de dança. Quando pensava justamente que talvez estivesse ficando velha demais para aquilo, Christy, a mais atrevida e saltitante das “coelhinhas”, proclamou ao ouvir a música “Going Underground”, do The Jam, que aquilo era uma merda total e perguntou quem diabos era The Jam? Como Katy pôde ter saído com alguém que nunca ouvira falar em The Jam? Parou, hesitou ligeiramente e, em seguida, virou-se e correu para o bar, totalmente consternada por ter feito a proeza de viver aquela situação. Tinha idade suficiente para saber que não deveria ter topado aquilo, vestida como uma colegial estúpida, com pseudoamigas que tinham praticamente metade de sua idade e, ainda por cima, falavam mal do Paul Weller, aquele deus.

Finalmente conseguiu atravessar a multidão, xingando a si mesma. Só percebeu o cara se afastando do bar, com três cervejas em copos de plástico, muito mal-equilibrados em suas mãos, quando estava praticamente em cima dele. Agarrou-se no braço do sujeito para recuperar o equilíbrio, o que o fez perder o controle dos copos, deixando dois se espatifarem no chão, enquanto via o terceiro dar uma cambalhota e encharcar a camisa branca de Katy. Ela ficou parada por um instante, perguntando-se se sua vida poderia ficar pior à medida que o líquido gelado molhava sua camisa e seu sutiã até penetrar na pele. Não ousou olhar para o desastre, sabendo muito bem que, àquela altura do campeonato, a camisa já estava completamente transparente e exibia seus dotes para quem quisesse ver.

— Por que diabos você não olha para onde vai? — gritou Katy.

— Calma, tigresa. Poderia ter sido pior, poderia ter sido mais amargo — disse o cara.

A piadinha era a última coisa de que ela precisava naquele momento. O que ela necessitava de fato era desabafar. Então, desabafou.

— Você acabou de fechar com chave de ouro a noite mais deprimente da minha vida. Além de estar velha demais para me vestir como uma maldita colegial, estou aqui com uma multidão de Barbies tresloucadas, sem nenhuma célula cerebral para compartilhar entre elas, e que nem sequer sabem quem é The Jam, e consideram esta música, “Going Underground”, uma merda.

— Minha noite está pior — disse ele calmamente.

— Como?

— Minha noite está pior — repetiu.

— Escute. Isto não é uma competição. Minha noite está uma porcaria total e ninguém vai tirar isso de mim.

— Ah, acho que eu consigo — desafiou.

— Consegue nada — retrucou Katy. — Já lhe contei que um monstro suado vindo do inferno me perguntou como gostava dos meus ovos no café da manhã?

— Que desespero.

— Puxa, obrigada, não estou tão acabada assim — disse ela desanimada.

— Não quis dizer você — corrigiu-se rapidamente. — Quis dizer que ele está no desespero para usar uma cantada dessas.

— É mesmo? — perguntou ela com sarcasmo.

— Honestamente. De qualquer forma, eu gosto de mulheres mais velhas. Pelo menos a gente consegue conversar, em vez de morrer de tédio ouvindo sobre futilidades de menininha.

— Eu não chamaria isto de conversa — disse Katy com raiva. — É apenas você derramando cerveja em mim e depois me insultando por causa da minha idade — completou, virando-se para ir embora.

— Não, por favor, não vá — pediu, segurando-a pelo braço. — Você está certa. Sinto muito. Está tudo errado. Falei sério, a minha noite está bem ruim. Sou professor. Para mim uma balada na escola é um inferno. Meus amigos que me arrastaram até aqui acham tudo isso muito sexy, mas eu penso: não, não, não, isso está errado. Não posso olhar para uma mulher com uniforme escolar e achá-la sexy.

Katy se virou para encará-lo, surpresa por se ver tentando adivinhar o que ele pensava sobre a forma como ela estava vestida.

— Além disso, eu não entendo — continuou ele. — Veja bem, quem ia querer lembrar seus dias de balada na época da escola? Música e dança ruins, sem poder beber e sem nenhuma chance real de beijar quem você queria, porque eram garotas sempre mais populares.

— Tudo bem, concordo — admitiu, mal-humorada. — Mas pelo menos você está aqui com os amigos, e não com um bando de periguetes.

— Certo. Mas tudo isso ainda não é a principal razão pela qual a minha noite está sendo pior que a sua.

— Continue então, diga algo que me anime. — Pela primeira vez, Katy percebia malícia nos olhos dele.

— Certo, então — respondeu, fazendo uma pausa e respirando fundo. — Quando fui ao banheiro, o cara perto de mim olhou para o meu, você sabe o quê, e disse: “Pelos ruivos, que vergonha.”

Katy não conseguiu segurar o riso. Como uma colegial.

— Mas você certamente já sabia que tinha pelo ruivo — disse, começando a corar.

— Claro, mas uma pessoa totalmente desconhecida salientar isso para você no seu “momento sagrado” não é justo.

Ele parecia tão genuinamente chateado que fez Katy cair na gargalhada. Um sorriso triunfante e satisfeito apareceu em seus lábios, pois finalmente provara que a noite dele estava pior do que a dela.

— Eu me chamo Ben — disse, oferecendo-lhe a mão ainda pegajosa pela cerveja derramada. — E, já que agora estamos unidos na desgraça, posso lhe oferecer uma bebida ou vamos até o mercado comprar um kebab?

Antes que se desse conta, Katy estava sentada no gelado degrau de pedra, na entrada do Gonads’ Kebab House, derramando molho de pimenta nos sapatos pretos de salto alto, sabendo que aquilo seria, provavelmente, o auge da sua noite.

Surpreendentemente a conversa fluiu fácil. Ficou aliviada por ele não ter dito frases embaraçosas ou falsos elogios. Não houve histórias tristes sobre a esposa que não o entendia nem sobre um divórcio complicado; assuntos que permeavam as conversas com os homens mais velhos que ela atraía recentemente. Não perguntou o que ela fazia para viver, preferindo falar apenas de trivialidades, em vez de soltar algo do tipo “sou mais bem-sucedido do que você”, frase característica dos homens obcecados pela própria imagem que ela conheceu no trabalho. Na verdade, percebeu que pela primeira vez, em muito tempo, estava com um homem sem precisar se preocupar com o que dizia ou com o que vestia.

Não demorou muito e ele terminou o kebab, lambeu os dedos — um por um — e, ao amassar o papel engordurado, anunciou que era melhor ir embora.

— Tenho futebol amanhã — disse. — Tudo bem você voltar de táxi?

— Sim, tudo bem.

Ele se virou para ir embora, mas no último instante olhou para trás.

— Podemos sair uma noite dessas? — perguntou.

Ela hesitou. Divertiu-se muito com suas brincadeiras, mas não queria dar falsas esperanças ao pobre rapaz.

- Sim, mas nada além de uma bebida.
- Vamos sair numa terça-feira, então — respondeu com seriedade.
- Por que terça? — perguntou Katy.
- Porque ninguém transa às terças-feiras.

Saíram na terça, na quinta seguinte, depois na segunda e finalmente fizeram sexo no sábado.

— Perceba, terça-feira não é dia de nada. No domingo você faz sexo de fim de semana. Segunda-feira você faz sexo porque pensa: “Droga, preciso de algo para me animar porque a semana está só começando.” Na quarta-feira você faz sexo porque talvez queira comemorar os nove gols que fez no futebol ou então porque a programação da TV à noite é entediante. Quinta-feira é a nova sexta para que você possa ir ao bar e depois fazer sexo do tipo: “Oh, céus, não pareço louco e selvagem bebendo assim num dia de semana?” Na sexta-feira você pensa: “Graças a Deus, sobrevivi a mais uma semana e mereço sexo.” E sábado... Bem, no sábado você faz sexo porque, afinal, sábado é dia de fazer sexo mesmo.

“Mas terça-feira é diferente. Qual seria a razão para transar numa terça? Pergunte a quem quiser. Aposto que ninguém se lembra da última vez em que transou numa terça-feira.”

E ali, enquanto se movia pelos corredores do hospital, seguindo sinais quase ilegíveis escritos à mão, forçou-se a pensar numa boa razão para transar em qualquer dia da semana. Na verdade, tudo o que ela pensava sobre sexo mudara naquela manhã fatídica seis meses antes, quando acordou sentindo-se um pouco nauseada pelo quinto dia consecutivo. De início, considerou que o mal-estar fosse consequência de uma péssima e prolongada reação ao animado jantar com um cliente. No entanto, acabou sendo forçada a admitir que aqueles não eram os sintomas habituais de uma ressaca. Ficou paralisada, quebrando a cabeça. Quando havia menstruado pela última vez? Teve uma vaga lembrança de ter procurado absorventes na adorável bolsa *glitter* que comprara especialmente para combinar com o vestido preto absurdamente caro que usara na festa de Natal do escritório. Correu à cozinha para verificar o calendário. Seu coração batia tão forte que poderia até acordar Ben, que passara a noite com ela. Folheando os meses, chegou a dezembro e prendeu a respiração enquanto contava as semanas. Na primeira

tentativa, conseguiu sete semanas. Não, não pode ser. Conferiu de novo e de novo, mas a resposta sempre dava sete. Merda, merda, merda. Aquilo não podia estar acontecendo. Tomava pílula. Você não engravida tomando pílula. É, sem dúvida, para isso que serve a pílula. Ela não podia ter um bebê. Ela e Ben nem eram namorados. Ele era oito anos mais jovem do que ela. Nasceu na década de 1980, pelo amor de Deus — era uma criança ainda. Ele não estava pronto para ser pai.

Afundou-se no chão, no belo piso de ladrilho marroquino, no seu lindo apartamento, e enterrou a cabeça nas mãos. As implicações lhe invadiram a mente de forma incontrolável. O que aconteceria com sua carreira? E com a sua vida? O que todos diriam? O que sua mãe diria? Katy sabia que ela ficaria horrorizada. Sua mãe sempre a prevenia para não cair na mesma cilada que ela. Estava convencida de que, se não fosse pelo casamento e pelos filhos, teria sido uma estrela em Las Vegas. O fato de ser péssima cantora era irrelevante. Então, ela agora corria atrás do tempo perdido, passando a maioria das noites com amigos nos bares de caraoquê, na Espanha, onde morava.

A primeira pergunta de sua mãe provavelmente seria: “Quem é esse sujeito?” Elas deixaram de discutir relacionamentos havia muito tempo porque eles mudavam com tanta frequência que sua mãe tinha perdido o interesse. Bom, pelo menos Katy sabia que o filho só podia ser de Ben, uma vez que eles estavam “ficando”, como gostavam de chamar o relacionamento entre eles, por uns bons meses. Na verdade, esse bem-estar a surpreendia. Eles nunca prometiam ligar, simplesmente ligavam. Apresentaram um ao outro seus respectivos amigos, mas negavam veementemente qualquer tipo de romance e de modo algum pediram para conhecer os pais um do outro. Ele caçoava do pretensioso mundo publicitário de Katy, e ela zombava das milhares de semanas de férias escolares que ele tinha ao longo do ano e da capacidade de estar em casa em tempo de assistir às novelas.

— Pouco exigente, descomplicado e menor de idade. — Foi dessa forma que, rindo, descreveu seu parceiro ao confuso Daniel. — Não sei por que nunca pensei antes em sair com os novinhos — acrescentou. — Ele é jovem demais para levar a vida a sério, por isso nos divertimos tanto, e não é velho o suficiente para querer sossegar, portanto não preciso ficar o tempo todo planejando como cair fora. É perfeito.

Foi também com muito alívio que desistiu de suas noites com as “coelhinhas”. Elas telefonavam, implorando, mas Katy sempre encontrava uma desculpa. Então, havia algum tempo, as noites de bebedeira eram sempre com Ben, e nem era preciso fugir de beijos na balada ou de transas de uma noite só.

— Merda! — berrou Katy de repente ao se levantar, soltando o calendário no chão. — Não, não, não, não, não, não, não — cantarolou ao agarrar o calendário. — Por favor, Deus, se existe, por favor, não faça isso comigo. — Folheou novamente as páginas até o mês de dezembro e encontrou um rabisco feito com caneta azul, duas semanas após a festa de Natal no escritório; aquelas eram as últimas palavras que queria ler naquele momento. *Encontro de Ex-alunos da Dove Valley, 20h.*

Katy estremeceu ao recordar os acontecimentos que envolveram a descoberta da gravidez e fez o melhor para interromper esses pensamentos quando finalmente chegaram à porta da sala onde as aulas do pré-natal estavam sendo realizadas. Ben segurou sua mão.

— Boa sorte, parceira — disse, dando uma piscada.

Ela sorriu para ele, agradecida. Talvez tudo ficasse bem. Respirou fundo e entrou na sala.

Assim que Ben e Katy entraram, sete rostos grávidos olharam para eles, os últimos a chegar.

— Cara, não acredito! É por isso que ele não apareceu nos últimos treinos! — exclamou Ben, olhando para um jovem largado na cadeira.

Mas Katy não ouviu, pois a presença de outra pessoa na sala a deixara paralisada e sem ar. Como ele poderia estar ali? Ele nem sequer morava em Leeds. Que diabos estava acontecendo? Agarrou-se ao encosto de uma cadeira para se firmar. De repente, sentiu-se num estranho drama de TV, no qual ninguém fica contente até que a vida de todos seja completamente destruída.

— Então, o desempenho da equipe local de sub-19 vira uma bosta apenas porque meu melhor atacante engravidou uma garota — continuou Ben, ignorando a angústia de Katy. — Que idiota. Olhe para ele; deveria estar no campo, treinando cobranças de pênalti, e não preso aqui com um bando de velhas grávidas.

NINGUÉM TRANSA ÀS TERÇAS-FEIRAS

Katy estava atordoada demais para perceber o sentido das palavras de Ben. Naquele momento, ela só pensava que estavam se aproximando do grupo, sem possibilidade de retorno. Queria se virar e correr, mas compreendeu que não havia nada que pudesse fazer para impedir o que estava acontecendo. Nesse instante, o último homem que queria ver na Terra ergueu os olhos e a viu. Um sorriso instantâneo veio aos lábios de Matthew quando a reconheceu, mas desapareceu na hora em que notou que ela estava grávida.

Capítulo 3

Cerca de oito meses antes

O dia começara mal. Naquela manhã, levava duas entediadas horas apenas para sair de Londres, e depois mais três para chegar a Leeds. O celular de Matthew tocava sem parar. Eram clientes exigindo sangue, suor e lágrimas, e também pequenos milagres. Ele queria gritar que ser consultor fiscal não significava ter uma varinha mágica que, com um simples toque, providenciasse um modo de não pagar mais impostos. Matthew sabia que todos os clientes tinham alguém por trás apertando o cerco para obter maiores lucros, mas não adiantava ficar no seu pé, eles tinham apenas que fazer mais dinheiro. Simples assim.

Por fim, Matthew colocou o telefone no silencioso e decidiu que o fraco sinal na conexão era uma desculpa plausível para não ficar à disposição de todos naquela manhã. Além do mais, o luxo de poder ouvir a Radio 5 Live num dia de semana e passar algum tempo especulando sobre as novas contratações do futebol, em vez de se ocupar com seus problemas pessoais, era uma oportunidade que não podia perder.

Estava justamente refletindo sobre as opções de aquisição para o Leeds United quando o nome Alison começou a piscar persistentemente na tela do celular. Percebeu, horrorizado, que estava hesitando em atender, com medo de que dissesse a coisa errada novamente. Deixara-a aos prantos naquela manhã; a angústia de passar por mais um tratamento de fertilização fazia com que ela desabasse ao menor comentário. Dava para ver que cada gotinha da energia de Alison desejava que dessa vez desse certo. Qualquer distração ou diversão que Matthew propunha para acalmá-la eram recebidas com desdém absoluto e um olhar de desprezo. Ela não entendia como ele conseguia conversar sobre outra coisa a não ser a gravidez, muito menos sugerir algo tão trivial como uma viagem a Leeds para ver o jogo no sábado.

Lembrou-se vagamente do tempo em que seu coração teria saltado ao ver o nome de Alison piscando na tela do telefone. Mas aquela Alison era uma Alison diferente. Aquela Alison o hipnotizara. Aquela Alison, descolada,

tranquila e sofisticada, e ainda assim interessada nele. Aquela Alison, que o fazia se sentir o rei do mundo apenas por tocar seu braço por um tempo mais longo com aquelas mãos de unhas perfeitas. Aquela Alison, cuja determinação para chegar a algum lugar na vida tinha lentamente reeducado o jeito dele, meio caótico, de viver. Aquela Alison, que, sempre de forma gentil, o encorajava a se estabelecer numa carreira em vez de passar de uma empresa para outra, a investir numa propriedade em vez de alugar algo com amigos, a sair para jantar em vez de ir ao bar, a comprar vinho de primeira e não de segunda qualidade, a ler os jornais em vez dos tabloides, e a fazer outros tipos de coisas que adultos decentes normalmente fazem.

Quanto a esta Alison, esta Alison teve sua descolada e tranquila sofisticação impiedosamente sugada e substituída por medo, dúvida e uma sensação absolutamente paralisante de fracasso. Aquela Alison não tolerava falha. Esta Alison internalizou a convicção de que não era capaz de conceber naturalmente e, como uma esponja, absorvia cada sentimento negativo que a levasse à conclusão de que o corpo dela estava com defeito. Tornou-se nervosa, tensa e obsessiva.

A decisão de iniciar o tratamento de fertilização trouxe de volta, por um breve momento, a Alison antiga como um sinal de que ela poderia retomar o controle novamente. Enfrentou a coisa toda como faria com um trabalho em tempo integral. O alívio de finalmente poder fazer algo prático estava estampado no rosto dela. Cada vez que passava pelo processo, reassegurava-se de que ninguém poderia ter pesquisado mais sobre o assunto, ninguém poderia ter preparado melhor o corpo do que ela, ninguém poderia ter sido mais cuidadosa do que ela. No entanto, lenta, mas definitivamente, o alívio foi sendo substituído por um toque de descrença, seguido por uma persistente nuvem negra do mais puro medo quando o tempo e, mais uma vez, seu corpo se recusaram a entrar em sintonia com o que ela tanto desejava.

Por isso, antes de apertar o botão que aceitava a chamada, Matthew se preparou bem, antevendo mais uma conversa em campo minado.

— Oiê — disse, tentando soar o mais descontraído possível, esperando pelo menos iniciar a conversa com certo grau de leveza.

— Oi. Liguei para dizer que não fui trabalhar hoje — disse Alison.

— Entendo. Está se sentindo bem? — perguntou, hesitante.

— O que você acha? Estou uma pilha de nervos, Matthew. Estou sentada aqui, me perguntando se em breve estarei planejando a decoração do quarto do bebê ou se estarei absolutamente devastada por ter que enfrentar mais um fracasso. Será que você não pode mesmo voltar hoje à noite?

— Sinto muito, Alison. Eu voltaria, você sabe disso, mas neste momento sou o único da consultoria que pode ficar até amanhã, e é preciso ter alguém lá para cuidar dos clientes. Ian teve que ir embora porque a filha dele será protagonista no musical da escola. Ela era atriz substituta, mas a outra menina se envolveu num escândalo, dormindo com um dos professores, ou algo assim, e foi banida da peça. Agora, o pobre e velho Ian tem que passar duas horas de sofrimento sentado ao lado da ex-mulher, ouvindo a desafinada cantoria de crianças representando *O Mágico de Oz*, em vez de curtir as alegrias da recepção corporativa no jogo de Leeds. Ele está puto da vida, posso lhe garantir.

O silêncio se estabeleceu na outra extremidade do telefone.

— Alison, você está aí?

Uma longa pausa, até que ele ouviu uma fungada e percebeu que ela estava chorando.

— Pelo menos Ian tem uma filha a quem pode assistir numa peça da escola. Eu preferiria isso a um milhão de tardes numa estúpida recepção corporativa. Será que ele sabe o quanto é sortudo? — disse, explodindo.

— Ah, Alison, com certeza ele sabe. É a Lei de Murphy, não é? Está tudo acontecendo no mesmo dia.

— Lei de Murphy é ele ter uma filha e não querer vê-la numa peça da escola enquanto nós não temos nada.

— Ei, calma, pode ser que funcione desta vez.

— Mas e se não funcionar? Não consigo nem imaginar como vou lidar com mais esse fracasso. Acho que não vou conseguir me recuperar e seguir em frente.

— Alison, pensar assim não lhe fará nenhum bem. Vamos lidar com o que vier, porque não teremos outra escolha. Escute, por que você não chama Karen para almoçar, por que não tenta pensar em outras coisas por um tempo?

Ele esperava que isso a fizesse desligar. Sentiu-se culpado, mas tinha perdido a conta de quantas vezes eles tiveram uma conversa semelhante, e isso o deixava para baixo. Sim, ele queria um filho também, mas odiava

o que aquela situação estava fazendo com eles. Antes, era Alison quem tomava as rédeas e, de alguma forma, sempre sabia o que fazer. Mas aquela Alison desaparecera havia muito tempo, e ele, apesar de estar tentando segurar as pontas pelos dois, estava falhando miseravelmente.

— Meu Deus, Matthew, você nunca está disposto a falar sobre isso, não é? Por que não pode ser maduro e conversar a respeito comigo? — perguntou, chorando.

Ele fechou os olhos por alguns instantes. Palavras como aquelas o matavam, porque traziam à tona todas as suas inseguranças. Ele não era bom o suficiente para ela. Suas tentativas desesperadas de ser o cara supostamente ideal, com carreira promissora, carro da empresa e cartão corporativo, não a impressionavam, afinal. Talvez, por dentro, ele ainda fosse aquele aproveitador do início da relação.

— Estou tentando, Alison, acredite, estou tentando. Por outro lado, você precisa se distanciar um pouco disso tudo. Veja, ninguém morreu, não é?

No momento em que pronunciou as últimas palavras, já sabia que acabara de falar a coisa mais idiota do mundo.

— Bem, isso diz tudo, não é mesmo? Você não tem a menor noção de nada.

A mensagem “chamada encerrada” piscou na tela do celular.

Tudo o que conseguia sentir naquele momento era alívio. Sabia que deveria ligar de volta, mas temia errar novamente. Onde estava o manual para lidar com uma mulher que se tornara irreconhecível assim que começou a lutar para ter um filho?

O rádio ativou novamente e Matthew ouviu os caras telefonando para opinar sobre quais jogadores deveriam ir para qual equipe. Desejou sentir-se tão livre de preocupações quanto eles, que tinham tempo para provar no rádio que eram os únicos que realmente sabiam o que fazer com as provações e adversidades do futebol britânico e que, se não fosse o trabalho regular, poderiam ter sido os melhores treinadores que o país jamais conheceria.